

# ESCRITORAS PORTUGUESAS NA IMPRENSA PERIÓDICA BRASILEIRA: CAMINHOS DE PESQUISA E ALGUNS RESULTADOS<sup>1</sup>

Eduardo da Cruz <sup>2</sup>

## RESUMO

Apresentação de um histórico das pesquisas realizadas sobre a imprensa periódica oitocentista e o desenvolvimento da pesquisa sobre a presença de escritoras portuguesas na imprensa brasileira entre 1890 e 1930. A importância dos jornais e revistas dos imigrantes portugueses no Brasil para os estudos das relações luso-brasileiras. Alguns dados sobre essa imprensa: títulos, localização de periódicos, as propostas das publicações. A busca nos acervos. Vantagens e problemas da pesquisa em hemerotecas virtuais. A colaboração de portuguesas na imprensa brasileira desse período. Breve informação sobre resultados já obtidos. Principais colaboradoras no *Pátria Portuguesa*, do Rio de Janeiro, entre 1925 e 1934: Emília de Sousa Costa; Gabriela Castello Branco, Maria do Céu Vasconcellos Mello, Sarah Beirão.

**Palavras-chave:** Literatura e Imprensa Periódica, Escritoras Portuguesas, Feminismo, Relações Luso-Brasileiras, Imprensa dos imigrantes portugueses.

## TRAJETÓRIA DE PESQUISA

Brasil e Portugal possuem fortes laços históricos e culturais, contudo as relações luso-brasileiras, principalmente nos campos da política, da cultura e das mentalidades, necessitam ainda de estudos mais aprofundados sobre determinados aspectos e períodos de nossa História. A pesquisa que venho desenvolvendo se propõe a valorizar a produção literária e cultural de escritoras portuguesas com atuação no Brasil na primeira república, utilizando a imprensa periódica como fonte primária para essa investigação, porém tomando o jornal não apenas como documento, mas também como polo fundamental de uma rede de sociabilidades que se descortina em suas páginas, além de

<sup>1</sup> Este trabalho é decorrente de projeto financiado pelo Edital Universal do CNPq (Processo n.º 405146/2018-3).

<sup>2</sup> Professor de Literatura Portuguesa na UERJ, atuando na graduação e na pós-graduação, doutor em Estudos de Literatura pela UFF, mestre em Ciência da Literatura pela UFRJ. Atualmente é Procientista da UERJ e Pesquisador 2 do CNPq. É membro da Cátedra Almeida Garrett (UERJ) e do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, do Real Gabinete Português de Leitura, onde desenvolve pesquisa sobre literatura e imprensa periódica oitocentista luso-brasileiras. É investigador colaborador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, [eduardodacruz@gmail.com](mailto:eduardodacruz@gmail.com);

examinar a inserção do discurso feminista nessa teia de ligações entre intelectuais, literatos e imigrantes.

Quando se observa com atenção os manuais de História da Literatura Portuguesa, é possível perceber que raras são as mulheres elencadas em suas páginas, sobretudo antes da primeira metade do século XX. Essa situação, além de representar uma exclusão do cânone literário, acaba por dificultar novas pesquisas e descobertas por parte de jovens pesquisadores que buscam, nesse tipo de publicação, indícios e caminhos para iniciarem suas próprias descobertas. No entanto, mesmo que essa ausência pareça indicar que poucas eram as escritoras portuguesas do passado, é preciso suspeitar desse apagamento (ANASTÁCIO, 2005). Afinal, apesar das pressões sociais para que não escrevessem, não publicassem e se mantivessem ocultas, resguardando-se na esperada modéstia que deveriam apresentar, pressão social comum ao longo dos séculos, a academia tem comprovado que havia mulheres que não apenas escreviam como inclusive eram reconhecidas como autoras (ANASTÁCIO, 2011).

Sobretudo a partir dos movimentos liberais do século XIX e ao longo de todo o oitocentos, um número crescente de mulheres começou a participar do sistema literário português, culminando no movimento feminista propriamente dito na virada para o séc. XX e em suas primeiras décadas. O acesso à imprensa periódica impulsionou a produção feminina no Oitocentos em Portugal (LOPES, 2005). Somente com o esforço dessas pioneiras, que se movimentaram nas margens, ou a partir das margens, do campo literário, foi possível que outras escritoras, por conta própria ou, em muitos casos, apoiando-se mutuamente, levantassem sua voz e utilizassem sua pena para defender politicamente seus direitos, como fizeram sufragistas e outras feministas.

Em pesquisas anteriores tenho me deparado justamente com essa dificuldade enfrentada por escritoras portuguesas ao longo do século XIX. É o caso, por exemplo, da poetisa, tradutora, pedagoga e política, Maria José da Silva Canuto (1812-1890)<sup>3</sup>. O trabalho de busca por sua obra e por sua biografia em fontes primárias como jornais e manuscritos mostrou que essa autora, além de ter colaborado em muitos aspectos com Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), teve participação intensa na imprensa periódica, com textos difundidos em diversos jornais, entre as décadas de 1830 e 1870. Isso, apesar das pressões contrárias de grupos políticos e de forças conservadoras da

---

<sup>3</sup> Publiquei em 2018 um livro dedicado essa escritora, em pesquisa vinculada ao projeto As Senhoras do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, pela Biblioteca Nacional de Portugal, com apoio dos centros de pesquisa portugueses CLEPUL (UL) e CICS.Nova (UNL) e do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro (CRUZ, 2018).

sociedade, que dificultavam ações de mulheres corajosas como Maria Canuto ou Antônia Gertrudes Pusich na busca por uma maior participação na vida pública e na república das letras, inclusive tentando se profissionalizar como “mulher de letras”, na tentativa de sobreviver do trabalho intelectual como alguns escritores estavam fazendo. Ao mesmo tempo, havia aquelas que não ousavam publicar seus nomes e, em certos casos, algumas não podiam sequer serem contactadas diretamente sem passar pelo aval do marido, como mostrei no artigo sobre os esforços de Antônio Feliciano de Castilho para incluir notas compostas por mulheres intelectuais e escritoras na sua publicação d’*Os Fastos* de Ovídio (CRUZ, 2017).

O acesso de escritoras portuguesas à imprensa periódica no Brasil é ainda mais complicado, porque demanda apoio dos dois lados do Atlântico e, portanto, a inserção e a articulação de uma rede de sociabilidade que ligasse os dois países. Algumas conseguiram participar prontamente de jornais e revistas brasileiros, graças à visibilidade previamente alcançada em sua terra, como Maria Amália Vaz de Carvalho e Guiomar Torresão, ambas com contratos de colaboração em periódicos do Brasil<sup>4</sup>. Outras ficaram reclusas à imprensa dos imigrantes portugueses. E algumas conseguiram dar o salto da imprensa da colônia lusa para os jornais de grande circulação, femininos, feministas e mesmo os destinados a um público amplo.

Essa imprensa periódica criada no Brasil por imigrantes portugueses destinada aos seus patrícios da colônia tem sido objeto de minha pesquisa há alguns anos. Inicialmente, em um projeto integrante d’*O Real em Revista* (2014-2015)<sup>5</sup>, sediado no Real Gabinete Português de Leitura, com patrocínio Petrobras Cultural, cujo objetivo principal era analisar a produção literária dos portugueses no Rio de Janeiro no século XIX a partir de alguns periódicos criados pelo associativismo luso nessa cidade, nomeadamente os extintos Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro e Retiro Literário Português (CRUZ, 2015b e 2019). Junto a essa proposta, procurei realizar um levantamento do que era essa imprensa imigrante portuguesa na cidade. Identifiquei,

---

<sup>4</sup> Sobre Maria Amália Vaz de Carvalho, recomendo a leitura da dissertação de mestrado defendida na UERJ em 2012, de Bianca Santos Coutinho dos Reis, “Cérebros e Corações”: a ficção de Maria Amália Vaz de Carvalho no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Sobre Guiomar Torresão, o artigo de Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares e Germana de Araújo Sales, “Guiomar Torreção e as ‘Cartas Lisboenses’: correspondência portuguesa nas páginas de ‘O Liberal do Pará’”, publicado na *Matraga* em 2019, e o de Guilherme Barp e Cecil Jeanine Albert Zinani, “A presença da portuguesa Guiomar Torresão em ‘A Mensageira’, revista literária dedicada à mulher brasileira: laços luso-brasileiros”, publicado na *Convergência Lusitana*. São bons exemplos de pesquisas sobre relações literárias luso-brasileiras tomando a colaboração de escritoras portuguesas na imprensa periódica brasileira como objeto.

<sup>5</sup> Para saber mais, acesse: [www.orealemrevista.com.br](http://www.orealemrevista.com.br)

então, mais de 50 títulos criados pela colônia portuguesa no Rio de Janeiro criados no século XIX (CRUZ, 2015).

Depois, na Fundação Biblioteca Nacional, com bolsa do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, pude dedicar-me especificamente a analisar o discurso feminista no jornal *Portugal Moderno* (1899-1913), que contava com grande colaboração da escritora Ana de Castro Osório (CRUZ, 2016). Isso me fez perceber que, dentre o enorme conjunto de periódicos brasileiros do final do século XIX e início do XX, tempo em que há um crescimento empresarial da imprensa (SODRÉ, 2011), aqueles criados pela colônia imigrante portuguesa parecem terem sido os primeiros órgãos de apoio e de divulgação dos escritos de autores portugueses que se deslocavam das margens para o centro do campo literário, como é o caso das mulheres.

É importante destacar, no entanto, que essa imprensa criada pelos imigrantes portugueses no Brasil tem sido sistematicamente ignorada pelos estudos históricos e culturais. Enquanto os periódicos fundados por outros grupos de imigrantes no Brasil, como italianos, árabes, japoneses, etc. já apresentam uma historiografia e alguma análise, aqueles voltados para a colônia portuguesa em nosso país, apesar de em muito maior número, ainda carecem de pesquisa e divulgação, com poucas exceções.

Também é interessante relacionar os períodos de crescimento e de transformação desses periódicos com a própria história da imprensa periódica no Brasil, com os fluxos de imigrantes e com a relação cultural e econômica desses portugueses com o nosso país. Dentre os títulos fundados no século XIX, rara é a presença feminina e, quando ocorre, são colaborações enviadas ou copiadas de Portugal. Isso se justifica em parte pela própria característica da imigração portuguesa ao longo do Oitocentos, “marcada pela expressiva chegada de meninos-homem para as casas comerciais” (MENEZES, 2007, p. 112). Mesmo durante o período da “Grande Imigração”, entre 1890-1914 (MENEZES, 2007), quando há um aumento significativo do número de portuguesas imigrantes, principalmente casadas, as mulheres continuam a ser minoria. Além disso, de imigrante até o reconhecimento como “mulher de letras”, como “autora”, há uma distância muito grande.

Os jornais da colônia portuguesa desse período tinham, em geral, uma proposta clara: além de lutar em defesa dos interesses de seus patrícios, o conjunto de todo o conteúdo do jornal reconstituía de certo modo o imaginário nacionalista português na ex-colônia. Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas* (1983), aponta o papel dos jornais como “produto cultural”, “com seu caráter profundamente ficcional”,

chamando a atenção para a “arbitrariedade na inclusão e justaposição” dos fatos, cujo “vínculo imaginário provém de duas fontes indiretamente relacionadas. A primeira é a simples coincidência cronológica: “a data no alto do jornal” (ANDERSON, 2008, p. 65). A segunda consiste em sua leitura, “a ‘forma extrema’ do livro” publicado em larga escala e de rápida obsolescência que cria “uma extraordinária cerimônia de massa: o consumo (a ‘criação de imagens’) quase totalmente simultâneo do jornal-como-ficção” (ANDERSON, 2008, pp. 67-68).

Assim, quando jornais da colônia portuguesa no Brasil passam a valorizar a mulher enquanto autora, a ponto de receber colaboração de escritoras portuguesas compostas expressamente para suas páginas, uma nova ficção nacional começa a ser elaborada junto aos imigrantes, a da inclusão das mulheres na vida pública. Foi o que aconteceu com Ana de Castro Osório e Paulina Campelo Macedo, por exemplo. As duas escritoras ganharam visibilidade na imprensa periódica ao se deslocarem para cá. A primeira, apesar de já ter obtido breves colaborações inclusive em periódicos para o público brasileiro, como *O Paiz* em 1908, ou *O Fluminense*, de Niterói, em 1910 principalmente, ganha muito mais visibilidade ao passar a colaborar ativamente com o *Portugal Moderno* quando de sua residência em São Paulo a partir de 1911. A segunda, bem menos conhecida, começa sua carreira literária no *União Portuguesa* nos últimos anos do XIX ao imigrar para o Rio de Janeiro e chega a ser colaboradora de *O Paiz* assinando suas colunas com o pseudônimo Lia de Santa Clara (CRUZ, 2017). Isso indica que a vinda de escritoras portuguesas para o Brasil no final do século XIX e primeiras décadas do XX parece ter de alguma forma facilitado que elas participassem da imprensa periódica em nosso país, tanto nos jornais dos imigrantes quanto em jornais e revistas destinados aos brasileiros. Então, acredito que, ao atravessarem o Atlântico, algumas autoras conseguiram se inserir em redes de sociabilidade de intelectuais aqui, caso já não fizessem parte de alguma rede transatlântica que conseguiram articular melhor em praias brasileiras. Por isso, propus em meu projeto atual<sup>6</sup> identificar e analisar as obras daquelas que se deslocaram ao Brasil ao longo da primeira república, tomando as colaborações na imprensa periódica e sua recepção como fonte dessa investigação.

---

<sup>6</sup> Este projeto é realizado em equipe, com a participação das pesquisadoras Ana Cristina Comandulli, Andreia Alves Monteiro de Castro e Elisabeth Martini, e consultoria de Isabel Lousada e Vanda Anastácio. Também conta com a colaboração animada de alunos e alunas de mestrado, especialização e graduação em Letras da UERJ.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA NA IMPRENSA PERIÓDICA

Esta pesquisa tem sua fundamentação teórica em estudos das áreas de Nova História, História Cultural, História da Leitura, História da Literatura, Crítica Literária, como arcabouço interdisciplinar de áreas relacionadas que permitam analisar modos de ver e escrever as culturas brasileira e portuguesa, suas relações, e os valores críticos que anunciam e silenciam. Contribuem, portanto, para a fundamentação teórica os estudos sobre a história da imprensa, sobre a imigração portuguesa no Brasil, sobre a vida literária no início do século XX, e sobre o feminismo (no Brasil e em Portugal).

Defendo que os estudos sobre literatura, principalmente quando lidam com produções de outras épocas, ganham força ao incluir a relação que essa área estabelece com os estudos culturais, com a história das mentalidades e com a própria história da leitura, cuja análise em conjunto permite ao pesquisador contemporâneo acessar significados além dos obtidos através da leitura da obra literária isolada de seu suporte. Assim, o objetivo de trabalhar com periódicos funda-se no interesse de encontrar nesse material testemunhos importantes sobre a sociedade e a cultura que lhes é própria.

Afinal, segundo Chartier (1991), os leitores não se confrontavam com textos abstratos, mas com objetos cuja organização condicionam sua leitura, apreensão e compreensão do texto lido. No caso específico de um jornal, a posição do texto na página, seu tamanho, o formato do título, a participação constante ou não de seu autor ao longo do periódico, são elementos materiais que influenciam na significação de um texto. Minha análise, portanto, ao se focar especificamente nas obras de escritoras portuguesas na imprensa, leva em conta seu suporte, pois as demais partes do periódico não apenas dialogam com os escritos de mulheres, como formam, em conjunto, uma ficção única, como aponta Anderson (2008), além de contribuírem, para a forma como esses textos atingem o leitor.

Além disso, é preciso levar em consideração esse suporte na realização da pesquisa, pois ele também impacta na metodologia. Isso porque, apesar da importância dos periódicos no sistema literário e cultural de língua portuguesa do século XIX, o acesso a esse material não é fácil, dada a dificuldade de preservação e de manuseio de impresso composto, na maior parte das vezes, em papel de baixa qualidade e que nem sempre recebeu os cuidados necessários para seu devido acondicionamento. Também se deve considerar que, dado o caráter inconstante dessas publicações, não é raro se encontrar conjuntos incompletos de determinado título. Isso ajuda a compreender por

que não há muitos estudos feitos de forma sistemática e em maior amplitude, sobretudo quanto à relação entre imprensa periódica e literatura. Mesmo os trabalhos mais abrangentes costumam tratar especificamente da imprensa portuguesa ou da brasileira, apesar do trânsito de textos e escritores entre os dois lados do Atlântico. O interesse no papel da imprensa periódica em perspectiva relacional, luso-brasileira, ainda é pequeno, principalmente se for levada em consideração a quantidade de periódicos oitocentistas existentes, esquecidos nas prateleiras das bibliotecas, às vezes de forma irrecuperável. Tais estudos ainda são uma fatia muito estreita do que está por ser feito.

É louvável, portanto, que haja iniciativas de digitalização de periódicos e sua divulgação online. Destaco aqui mais uma vez o projeto O Real em Revista, mas também o da Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa e os esforços das bibliotecas nacionais do Brasil e de Portugal, além, é claro, de outros acervos disponibilizados na Internet. Ações como essas, além de preservarem a memória cultural pela reprodução digital desse material, facilitam o acesso de pesquisadores a títulos e textos que muitas vezes podem estar longe ou mesmo em condições de difícil acesso pela própria qualidade física desses impressos.

É claro que ferramentas de busca em algumas dessas plataformas, como a da Hemeroteca Nacional da FBN, além de auxiliarem na localização de determinado texto, tópico, expressão ou autor(a), proporcionaram novas metodologias de pesquisa em periódicos. Antes da digitalização, o acesso a jornais e revistas se dava apenas em seu meio original, o papel (muitas vezes acompanhado da poeira acumulada pelo longo período guardado nas prateleiras), com o risco constante de o pesquisador, mesmo o mais cuidadoso, danificar o material pela fragilidade de sua composição, encadernação e guarda; ou ainda em rolos de microfilme. Nos dois casos, é necessário percorrer página a página em busca de algo que pode nem estar lá. A busca por palavras ou expressões pode rapidamente indicar a presença do nome de determinada escritora em determinado jornal ou revista, tornando-se assim importante ponto de partida para a pesquisa.

Todavia, aproveitei a proposta do evento que resultou neste livro, isto é, “mobilizar diálogos sobre as experiências interdisciplinares, que discutam de um modo mais amplo os estudos da linguagem, oportunizando aos participantes um espaço para o intercâmbio de novas possibilidades para seus campos de atuação”, para apresentar breves comentários sobre a prática de pesquisa em periódicos que podem ser úteis para

os pesquisadores que estejam iniciando seus projetos sobre literatura e imprensa periódica.

É importante, penso, chamar a atenção para a possibilidade de o uso dessas ferramentas de localização de expressões nos periódicos digitalizados levar a resultados enganosos ou incompletos por uma falha metodológica. Alguns exemplos podem deixar essa questão mais clara. A partir de experiências próprias, apontarei dois problemas com as buscas na Hemeroteca Nacional Digital:

1. Pouco tempo atrás, eu estava preparando um ensaio sobre o poeta brasileiro Luís Guimarães Júnior no Chile<sup>7</sup>. Tentei localizar um texto da Maria Amália Vaz de Carvalho citado sem indicação completa na biografia que Iracema Guimarães Vilela havia feito sobre seu pai (1934). Imaginei que tivesse sido no *Jornal do Commercio*, com o qual ela colaborara, no entanto, não conseguia localizar o texto procurando por variações do nome da escritora portuguesa. Ao finalmente me deparar com ele, graças às indicações de Bianca Coutinho Reis, que havia realizado o levantamento das colaborações de Vaz de Carvalho nesse periódico percorrendo todas as páginas, percebi o problema: o nome de Maria Amália, no canto inferior direito da página da edição de 25 de agosto de 1880 está esmaecido na imagem. Provavelmente também estava no material que serviu de base à digitalização. É, portanto, dificuldade resultante do suporte original. Algo semelhante poderia ter acontecido no caso de algum erro tipográfico com trocas ou ausência de algum caractere, o que não era raro na imprensa do XIX.
2. Como expliquei previamente, a busca pode resultar em informações importantes. Ao procurar por “Anna de Castro Osorio” nos periódicos da década de 1900 digitalizados, utilizando, claro, a ortografia de seu nome como era usual na época, é possível encontrar sete ocorrências, nenhuma de texto assinado por ela. No entanto, ao ler os resultados, foi possível descobrir, na coluna de Carmen Dolores, “A Semana”, de 6 de setembro de 1908, que Castro Osório era “autora de vários artigos nesta folha” (p. 1). Passei então a procurar por outras expressões, como

---

<sup>7</sup> Cf. “Um Luso-Brasileiro Exilado para os Vales dos Andes: Luís Guimarães Jr. na Imprensa Periódica Chilena” (CRUZ, 2018).



apenas “Castro Osorio”, que revela 15 ocorrências, das quais seis<sup>8</sup> são de artigos da feminista portuguesa. Se a busca for por “Castro Ozorio”, são 9 ocorrências, das quais apenas uma é de sua pena, no nº 8653, de 12 de junho de 1908, no qual se encontram o artigo “A mulher da raça portuguesa”, nas duas primeiras colunas, e o anúncio do início de sua colaboração nessa folha nas colunas 5 e 6. Contudo, apenas ao observar as primeiras páginas de cada edição d’*O Paiz*, simulando a pesquisa que poderia ser realizada no suporte em papel, foi possível localizar outros três textos da feminista, entre aquele que divulgava sua participação naquele jornal e o último, de 18 de dezembro de 1908, totalizando 10 artigos<sup>9</sup>.

Esses exemplos demonstram vantagens e desvantagens da utilização das ferramentas de busca em periódicos digitalizados. Por um lado, graças a elas, foi possível descobrir a colaboração de Ana de Castro Osório n’*O Paiz*. Todavia, a partir dessa indicação, tornou-se necessário seguir outra metodologia. É pena que muitas vezes os pesquisadores não indiquem em suas produções o processo utilizado na pesquisa. Recomendo, nos casos em que seja realizada apenas localização automatizada, que se indiquem as expressões de busca, e que, quando houver indícios de uma participação mais intensa de algum escritor ou de alguma escritora, que se percorra todo o periódico, tal como seria feito no suporte em papel ou em microfilme.

## **A IMPRENSA PERIÓDICA DOS IMIGRANTES PORTUGUESES NO BRASIL**

Certeau diz que escrever “é uma atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado” (1998, p. 225). É, portanto, sob essa perspectiva que utilizo a imprensa como *corpus* de análise. Ao se tomar o periódico como texto, busca-se identificar essas propostas de transformação da realidade, em que ganham relevo vozes dissonantes da sociedade, como a dos imigrantes e a das mulheres. O conjunto de

<sup>8</sup> Edições nº: 8665; 8686; 8708; 8794; 8835; 8842.

<sup>9</sup> São eles: “A mulher da raça portuguesa” (12/06/1908); “A questão actual” (24/06/1908); “A influencia da mulher na sociedade – a mãe” (07/07/1908); “A influencia da mulher na sociedade – a mãe II” (15/07/1908); “A influencia da mulher na sociedade – a mãe no passado” (06/08/1908); “A influencia da mulher na sociedade – predomínio da mãe”; “Feminismo burguez” (25/09/1908); “A educação do futuro” (31/10/1908); “Chronica de Outomno” (11/12/1908); e “Explicação a um estrangeiro” (18/12/1908).

gêneros textuais de múltiplos autores que formam o periódico acabam por narrar, ainda que de forma fragmentária e descontínua, uma outra história cultural (BURKE, 2003).

Além disso, Chartier (1991) observa que investigar os usos do escrito ajuda a compreender os modos como uma comunidade constrói suas representações sobre o mundo, investindo-o de significados plurais. Ao analisar-se um periódico da colônia portuguesa no Brasil, por exemplo, há a chance de mostrar como esse grupo se percebia como comunidade, que estratégias simbólicas utilizavam para se posicionar em meio a uma sociedade que, apesar de culturalmente próxima, lhe era alheia.

Assim, analisar o periódico, não como mera coletânea de textos, mas como elementos que unem uma multiplicidade de discursos, permite revelar seus autores, ainda reconhecidos hoje ou anônimos, que entram em cena no momento em que o jornal é tomado como fonte primária, revelando múltiplas perspectivas de uma época e maneiras desiguais de se apropriar e de se aproximar da cultura escrita (BARBOSA, 2007). Dessa forma, a leitura dos periódicos altera a história da literatura tanto por permitir o contato com gêneros que eram então percebidos como literários e pelo conhecimento mais amplo do campo literário, que não é constituído apenas pelos nomes canônicos dos manuais. Por isso, apesar de privilegiar as produções de escritoras de ação nesta pesquisa, a leitura em conjunto dos periódicos ao longo de seu desenvolvimento por vezes mostra outros nomes e outros textos importantes para a compreensão da luta das mulheres nesse processo, como um todo ficcional que comporte uma análise integrada.

Com esta pesquisa, espero dar visualidade a uma rede que tome o jornal como ponto de conexão, procurando perceber como seus autores, textos e contextos sociais se relacionam. Marco Morel, ao analisar os primeiros periódicos brasileiros, percebeu a relação desses impressos com as redes de sociabilidade que os constituíram e que se articularam através deles.

Os jornais do período inicial constituíram-se, em alguns casos, através de várias redes de sociabilidade, dentro das condições da época, formadas no Brasil recém-independente que buscava se constituir como nação. Não se deve negligenciar dentro desses laços que se articulavam (criavam, mantinham ou refaziam), com densidades desiguais, uma forma de associação bastante específica em suas características, embora articulada com as demais: as redes de sociabilidade pela imprensa periódica. Essa pode ser considerada um palpável agente histórico, com sua materialidade no papel impresso e efetiva força simbólica das palavras que fazia circular, bem como dos agentes que a produziam e dos leitores/ouvintes que de alguma

forma eram receptores e também retransmissores de seus conteúdos (MOREL, 2013, p. 41).

Acredito que, mesmo na virada do século XIX para o XX, a publicação periódica continuava sendo fundamental para a sociabilidade, pensando sobretudo na atuação, como intelectuais e autoras, de uma série de escritoras em alguns desses periódicos, pois, como Gontijo defende, “entre as atitudes ou práticas que fundam a sociabilidade intelectual está a elaboração de escritos comumente identificados como efêmeros” (2005, p. 263), incluindo não apenas cartas, mas também artigos em jornais e revistas. Também Georg Simmel (1983) considera a sociabilidade uma forma autônoma ou lúdica de associação, um fenômeno que estabelece vínculos aos quais se atribui algum valor devido à satisfação que promovem. Para que esse grupo de escritores que redigiam e colaboravam com um dado periódico se sociabilizassem em suas páginas, deveria haver ali um projeto em comum que satisfizesse a todos (a construção de um ideal de nação mesmo ausente da pátria, no caso da imprensa imigrante, ou o debate por uma maior participação feminina na sociedade) ou que, em casos múltiplos, a associação se desse pelo valor simbólico e pela satisfação de ter seu texto ali publicado (ou mesmo como estratégia individual ou comunitária de difusão de sua obra). A compreensão, portanto, dessa rede de sociabilidade torna-se importante para se pensar a proposta do jornal como ponte entre as duas culturas, brasileira e portuguesa.

Assim, sem tomar os jornais como simples coletâneas de textos, mas como elementos que unem uma multiplicidade de discursos, pode-se revelar seus autores e suas autoras, pois,

expulsos da história literária, esses anônimos entram em cena a partir do momento em que o periódico é tomado como suporte e fonte primária, por onde circularam várias vozes e vários discursos, em um pulsar heterogêneo e variado, que pode revelar múltiplas perspectivas de uma época e maneiras desiguais de se apropriar e de se aproximar da cultura escrita (BARBOSA, 2007, p. 40).

Em outros termos, baseando-se na ideia de que um periódico se constitui a partir de uma rede de sociabilidade e, ele próprio, enquanto ponto de convergência, articula uma rede, investigo como esses órgãos de imprensa dão voz a mulheres e como elas se inserem nessa construção imagética da sociedade. A partir dessa hipótese, baseada em leituras anteriores, comecei a pesquisa com os periódicos da imprensa

imigrante portuguesa no Rio de Janeiro, pretendendo avançar, posteriormente, aos de público amplo.

Logo, foi realizada uma busca inicial nos catálogos on-line dos acervos do Real Gabinete Português de Leitura, da Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para localizar os possíveis títulos de periódicos da colônia portuguesa. A quantidade de publicações demonstra a força e a pluralidade da imprensa periódica dos imigrantes lusos nas primeiras décadas do século XX. Alguns tiveram pouca duração, outros foram mais longevos. Nota-se também o posicionamento político de muitos deles, pois alguns assumem-se no título ou no subtítulo serem monarquistas ou republicanos.

A dificuldade em se lidar com esse acervo é o descaso histórico com que esse conjunto tem sido tratado. Muitos títulos foram mal conservados ou não chegaram mesmo a serem arquivados. Do *Patria Portuguesa: orgam republicano*, periódico de São Paulo fundado em 1911, só existe na FBN o número 71, de 1912, por exemplo. É uma pena, pois, como a leitura de um jornal pode iluminar a de outro, informações colhidas no *Portugal Moderno* e n' *O Fluminense* indicam que Ana de Castro Osório foi colaboradora efetiva dessa folha paulista. O próprio *Portugal Moderno* está incompleto; a Biblioteca Nacional possui os números até 1913, mas ele deve ter existido ao menos até 1916, pois há um exemplar desse ano numa biblioteca portuguesa e há críticas em *A Bandeira Portuguesa* a textos de Castro Osório de 1914. Além disso, poucos foram digitalizados, obrigando os pesquisadores a visitas presenciais a essas instituições.

Por isso, destaco aqui os títulos que existem no acervo do Real Gabinete Português de Leitura e os respectivos períodos preservados nessa biblioteca, que foi o ponto de partida deste projeto: *Diário Português* – 1932-1936 (só possui até 1934); *Lusitânia*: revista ilustrada de aproximação luso-brasileira e de propaganda de Portugal – 1929-1934 (só possui até 1932)<sup>10</sup>; *Pátria Portuguesa* – 1925-1934; *Portugal*: revista portuguesa, quinzenal, ilustrada – 1923-1928.

Esses periódicos são indicativos do sucesso que alguns desses órgãos alcançaram. *Pátria Portuguesa*, *Diário Português* e *Lusitânia* são parte da mesma empresa. O primeiro, mais antigo, era um semanário. A boa acolhida do público levou a companhia a arriscar a publicação de um diário, algo que já havia sido tentado

---

<sup>10</sup> Essa revista encontra-se digitalizada na Hemeroteca Nacional.

anteriormente por outros periódicos sem muito êxito. Mais tarde surgiu a revista, com muitas fotografias e ilustrações.

Nas páginas dessas três publicações é possível encontrar textos de escritoras portuguesas. A lista é significativa da pluralidade de escritoras das primeiras décadas do século XX: Alice Ogando; Ana de Castro Osório; Aurora Jardim Aranha; Beatriz Arnut; Emília de Sousa Costa; Fernanda de Castro; Gabriela Castello Branco; Irene de Vasconcelos; Maria de Carvalho, Maria de Eça; Maria do Céu Vasconcellos e Mello; Maria Helena; Maria O'Neill; Sarah Beirão; Virgínia Lopes de Mendonça, Virgínia Victorino e outras. Além disso, esses periódicos também publicaram algumas poucas brasileiras, com destaque para uma que teve participação intensa: Maria Adelaide da Silva Paiva, cujo nome vinha acompanhado do pseudônimo Marissilva. Essa brasileira<sup>11</sup> residia em Portugal e colaborava com uma coluna chamada “Portugal antigo e moderno”, nos anos 1933 e 1934. Importante também resgatar o papel de Iveta Ribeiro, que surge algumas vezes nas páginas desses periódicos procurando articular essa rede literária feminina transatlântica.

Além de muitos poemas editados no semanário, principalmente os da pena de Virgínia Victorino, algumas dessas escritoras tiveram colaboração assídua no *Pátria Portuguesa*: Emília de Sousa Costa; Gabriela Castello Branco; Sarah Beirão, Maria do Céu Vasconcellos e Mello e Maria de Carvalho.

Emília de Sousa Costa publicou, além de alguns textos isolados, 37 pequenas biografias e apresentações de intelectuais portuguesas numa coleção que intitulou de “*Flos Santorum* das Mulheres Portuguesas”<sup>12</sup> entre 20 de dezembro de 1925 e 16 de janeiro de 1927 – trabalho digno de louvor por aproveitar seu espaço no periódico da colônia para divulgar a obra de outras mulheres de sua pátria. Assim, Emília ampliava a visão que os leitores poderiam ter sobre a cultura portuguesa, pois ela apresentava escritoras, musicistas, artistas plásticas e outras intelectuais.

<sup>11</sup> Agradeço à Luzia Carvalho, voluntária de Iniciação Científica no projeto, a descoberta do texto “Um livro e uma saudade”, de Sílvia Moncorvo, no *Jornal do Recife* de 30 de agosto de 1925, no qual há o elogio do livro *Uma vida*, de Marissilva, e a informação de que essa escritora nasceu no Nordeste do Brasil e vivia exilada em Portugal.

<sup>12</sup> São elas: Adelaide Lima Cruz; Aninhas de Gonta Colaço; Ana de Castro Osório; Branca da Silveira e Silva; Branca de Gonta Colaço; Cacilda Ortigão; Cândida Aires de Magalhães; Carolina Michaelis de Vasconcellos; Eduarda Lapa; Elmana Trigo de Brito; Ema Romero dos Santos Fonseca; Emília Montalvo; Emília Santos Braga; Fernanda de Castro Ferro; Helena de Aragão; Irene de Vasconcellos; Laura Chaves; Laura Wakh Marques; Ludovina Frias de Mattos; Luiza Grande de Freitas Lomelino; Maria Antonieta Lima Cruz; Maria Carvalho; Maria Clara Correia Alves; Maria da Nóbrega; Maria do Carmo Peixoto; Maria dos Prazeres de Carvalho; Maria Helena; Maria Judite da Costa; Maria Leonor Reis; Maria Magdalena; Maria O'Neill; Maria Ribeiro; Marquesa de Pomares; Olívia Guerra; Raquel Castello Branco; Raquel Gameiro Ottolini; Virgínia de Castro Almeida.

Gabriela Castello Branco e Maria do Céu Vasconcellos e Mello foram contemporâneas nesse semanário. Aquela com a coluna “De mulher para mulher”, publicada entre 10 de janeiro de 1926 e 13 de março de 1927; esta com a coluna “Às mulheres portuguesas”, entre 21 de março de 1926 e 13 de setembro de 1930. As duas apresentavam às suas patrícias no Brasil ideias que se assemelham aos manuais de civilidade muito em voga no século XIX. A principal diferença está talvez na origem dos assuntos. Gabriela, escrevendo de Portugal, partia muitas vezes de um tema retirado de uma obra literária para discutir sua importância para as mulheres de seu tempo. Sobre Maria do Céu pouco se sabe, apenas que era portuguesa residente no Rio de Janeiro, assinando alguns textos no Hotel Majestic na Praia de Botafogo n.º 390, e indicou uma vez ser sobrinha de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Era, portanto, uma voz mais próxima de suas leitoras.

Já Sarah Beirão, na época ainda no início de sua carreira literária, publicava uma coluna chamada “Confessionário Feminino”, entre 16 de setembro de 1928 e 3 de janeiro de 1931. Como é o título de sua colaboração dessa mesma época no *Primeiro de Janeiro*, de Portugal, é ainda necessário comparar se se trata de republicação, colaboração idêntica nos dois jornais, ou textos específicos para o jornal carioca. No entanto, é possível afirmar que sua recepção deve ter agradado, pois ela passou a colaborar com a revista *Lusitânia*, enviando textos literários: contos e peças de teatro curtas.

Maria de Carvalho, apesar de não ter uma coluna fixa no semanário, publicou, nessa folha, mais de 30 artigos entre 1925 e 1933. Seus textos cobrem assuntos variados, como crítica literária, regiões de Portugal, estilo de vida, costumes portugueses, mulheres etc. Chamo a atenção para a matéria intitulada “A mulher profissional de letras profissional e a mulher de letras que escreve por ‘coquetterie’”, de 8 de julho de 1926. Maria de Carvalho distingue aí a profissional, “que no livro e no jornalismo, com mais ou menos talento, faz das suas aptidões literárias um ofício e procura ganhar a sua vida e fixar a sua personalidade” (CARVALHO, 1926, p. 8), de outras duas, a amadora, que escreve por distração, e a rica, “para quem a literatura é uma elegância” (CARVALHO, 1926, p. 8). A partir dessa distinção, Carvalho critica o que já considerava uma quantidade excessiva de mulheres de letras. Em seu texto há a defesa da dupla jornada feminina, pois, independentemente do trabalho a que se dediquem – e ela compara a atividade da profissional de letras a outros empregos

femininos<sup>13</sup> – caberia ainda às mulheres os afazeres do lar, ou ao menos sua direção, se fossem ricas. Por isso, ela censura as que não são profissionais de letras e abandonam as tarefas domésticas pela pena e condena as que o fazem por qualquer motivo frívolo.

Com isso, pode-se perceber claramente como a dominação masculina, tal como analisada por Bourdieu, estava marcada mesmo em escritoras profissionais alinhadas com o feminismo. Essa pressão sobre seus corpos, afazeres, vontades e mentalidades levava ao sofrimento, como confessa Maria de Carvalho no mesmo texto. Um sofrimento causado pela necessidade de “independência de pensamento” numa sociedade que as submetiam à obediência:

A mulher de letras não é, geralmente, um ente feliz. Se conserva a sensibilidade do espírito feminino ligada ao desenvolvimento da inteligência, quantas mágoas disso lhe provêm!... Depois, a mulher deve ser, por condição, obediente – ao pai, ao marido e até ao filho, quando este se torna um homem – e a mulher de letras cria uma independência de pensamento, que só um homem muito superior consegue dominar.

A mulher vulgar, se é bonita, graciosa, elegante, tem, quase sempre, mais encanto que a mulher de letras. A mulher de letras, se o é verdadeiramente, pela vocação, pelo talento, pelas amarguras da vida que são tão grandes fatores, torna-se uma espécie de freira laica, um pouco indiferente ao mundo, absorta numa ideia profunda, ou num profundo sentimento, trabalhando, meditando, sofrendo.

Não – quase nunca é invejável o destino da mulher de letras. (CARVALHO, 1926, p. 8)<sup>14</sup>

Apesar da quantidade significativa de autoras nas páginas do *Pátria Portuguesa*, é necessário informar que o espaço destinado aos textos de autoria feminina nesse semanário era exíguo, mesmo que fosse muitas vezes de destaque, como a coluna de Emília Sousa Costa, que costumava vir na primeira página e publicada acompanhada de fotografia da biografada. Além disso, a tabulação dessas publicações de escritoras ao longo do tempo permite perceber que suas produções parecem perder importância. O ano de 1932 praticamente não traz textos assinados por mulheres. Em 1933, a quantidade volta a aumentar um pouco, mas é o ano do surgimento de dois suplementos nesse jornal, a *Folha Educativa*, a partir de 5 de fevereiro, e a *Página da Mulher – A Moda e o Lar*, a partir de 18 de junho. Com isso, as produções de autoria feminina são

<sup>13</sup> É interessante pensar um diálogo entre esse texto de Maria de Carvalho e o da Virgínia Woolf, “Profissões para mulheres”, conferência de 1931 (2018). A escritora inglesa também percebe a dificuldade de se ter autonomia de pensamento quando se depara com o fantasma do “anjo do lar”. No entanto, Woolf assume ter matado essa imagem, enquanto a portuguesa coloca como papel prioritário das mulheres aquele voltado para a família e o lar.

<sup>14</sup> Optei por atualizar a ortografia para tornar o texto mais próximo dos leitores.

praticamente relegadas a esses veículos, restringindo o público, os gêneros e os assuntos tratados em seus textos.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apresentei algumas reflexões a partir da pesquisa sobre escritoras portuguesas do final do século XIX e início do XX tomando como *corpus* a imprensa periódica. Apontei alguns caminhos críticos e metodológicos que tenho seguido. Também discuti algumas possibilidades de pesquisa em periódicos de modo a aproveitar as vantagens da digitalização desse gênero de material sem perder dados com a mudança do suporte papel para o virtual.

Espero que essa contribuição para o resgate da memória da imprensa periódica produzida por imigrantes portugueses destinada à sua própria colônia no Brasil suscite novas pesquisas. Apesar da dificuldade de acesso a diversos títulos publicados por esse grupo, principalmente pela ausência de digitalização e mesmo de preservação de vários títulos, o material disponível tem revelado um panorama muito interessante das relações culturais e literárias que esse grupo procurou estabelecer, ao longo do tempo, entre Brasil e Portugal. É, inclusive, necessário que se façam mais pesquisas sobre esse acervo para que se reequacione a importância cultural das escritoras portuguesas junto aos imigrantes e aos leitores brasileiros em geral. A luta por direitos, entre eles o de difusão de suas ideias na imprensa periódica, marcou não apenas a escrita de autoria feminina em Portugal e no Brasil, mas o diálogo entre os dois países.

Através dos periódicos citados no texto é possível ter clara a força cultural que foi o feminismo português do início do século XX. Essas mulheres contribuíram intensamente para que a imagem de Portugal no Brasil fosse ampliada nos mais diversos temas, com importância enorme para a propaganda feminista. Foi através da escrita de Ana de Castro Osório, Maria de Carvalho, Emília de Sousa Costa, Gabriela Castello Branco, Sarah Beirão e Maria do Céu Vasconcellos e Mello e outras, que os leitores do Brasil puderam tomar conhecimento do que pensavam e pelo que lutavam as intelectuais, as artistas e as escritoras portuguesas.

## REFERÊNCIAS



ANASTÁCIO, Vanda. “Mulheres Varonis e interesses domésticos’ (Reflexões acerca do discurso produzido pela História Literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX)”. In: *Cartographies. Mélanges offerts à Maria Alzira Seixo*, Lisboa, 2005, p. 537-556

ANASTÁCIO, Vanda. O que é uma autora? Reflexões sobre a presença feminina no campo cultural luso-brasileiro antes de 1822. In: *Matraga Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ* v. 18 n. 29. Rio de Janeiro: UERJ, 2011, Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/26069>. Acesso em 04/09/2020.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARP, G.; ALBERT ZINANI, C. J. A presença da portuguesa Guiomar Torresão em ‘A Mensageira’, revista literária dedicada à mulher brasileira: laços luso-brasileiros. *Convergência Lusíada*, v. 30, n. 42, p. 196-209, 29 dez. 2019. Disponível em: <https://convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/350>. Acesso em 20/10/2020.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 12ª ed. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento [de Gutenberg a Diderot]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. “Livros”. *Jornal do Commercio* a.59 n. 236. Rio de Janeiro: 25 ago. 1880, p. 1

CARVALHO, Maria de. A mulher profissional de letras profissional e a mulher de letras que escreve por “coquetterie”. *Patria Portuguesa* a. II n. Extra. Rio de Janeiro: 8 de julho de 1926, p. 8.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. "O Mundo como representação". *Estudos Avançados* 11(5), São Paulo: 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>.

CRUZ, Eduardo da. “Imprensa luso-brasileira no Rio de Janeiro oitocentista”. In: CRUZ, Eduardo da; FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz (Org.). *No Giro do Mundo: os periódicos do século XIX no Real Gabinete Português de Leitura - vol. II*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2015.

CRUZ, Eduardo da. “Aventureiros da inteligência: poetas e caixeiros nos periódicos do Grêmio Literário Português do Rio de Janeiro”. In: SANTOS, Gilda (Org.). *O Real em Revista: impressos luso-brasileiros oitocentistas*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2015b

CRUZ, Eduardo da. “Mulheres e feminismo no *Portugal Moderno* (1899-1913)”. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/producao/documentos/mulheres-feminismo-portugal-moderno-1899-1913>. Acesso em: 10/12/2019.

CRUZ, Eduardo da. Um “brilhante congresso”: escritoras portuguesas no projeto de António Feliciano de Castilho para sua versão d’*Os Fastos* ovidianos. *SOLETRAS* n. 34. São Gonçalo: UERJ, 2017. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/30436>. Acesso em 04/04/2020.

CRUZ, Eduardo da. Paulina Campelo Macedo: uma portuguesa na imprensa brasileira da primeira república. *Revista de Escritoras Ibéricas*, v. 4, p. 97, Madrid:

UNED, 2017. Disponível em: [http://e-spacio.uned.es/fez/eserv/bibliuned:revistaREI-2016-4-5015/Paulina\\_Campelo.pdf](http://e-spacio.uned.es/fez/eserv/bibliuned:revistaREI-2016-4-5015/Paulina_Campelo.pdf). Acesso em: 22/10/2020.

CRUZ, Eduardo da. *Maria José da Silva Canuto: 1812-1890* / estudo, antologia e bibliografia por Eduardo da Cruz. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, 2018

CRUZ, Eduardo da. “Um Luso-Brasileiro Exilado para os Vales dos Andes: Luís Guimarães Jr. na Imprensa Periódica Chilena”. In: TAVARES, Ana Paula; WEIGERT, Beatriz; LOUSADA, Isabel (Orgs.). *Ensinar o Brasil a toda a gente*. Homenagem a Vania Pinheiro Chaves. Lisboa: CLEPUL; Theya, 2018.

CRUZ, Eduardo da. “Obras tão dignas de memória”: os periódicos do Grêmio Literário Português do Rio de Janeiro. *Moara*: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. n. 52. Belém/PA: UFPA, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/7809>. Acesso em 04/04/2020.

GONTIJO, R. “História, cultura, política e sociabilidade intelectual”. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, M. F. B.; GOUVÊA, M. de F. S.. *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

LOPES, Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera, 2005.

MENEZES, Lená Medeiros de. "A presença portuguesa no Rio de Janeiro segundo os censos de 1872, 1890, 1906 e 1920: dos números às trajetórias de vida". in: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia de Lima; PEREIRA, Conceição Meireles (coord.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPES/Edições Afrontamento, 2007

MOREL, Marco. "Os primeiros passos da palavra impressa". in: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2013.

REIS, Bianca Santos Coutinho dos. "Cérebros e Corações": a ficção de Maria Amália Vaz de Carvalho no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa. UERJ, 2012. Disponível em: [http://www.bdt.d.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=4005](http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4005). Acesso em 11/05/2020.

SIMMEL, G. "A natureza sociológica do conflito; a competição; conflito e estrutura de grupo; sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal". In: MORAIS FILHO, E. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática. 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

TAVARES, Maria Lucilena Gonzaga Costa; SALES, Germana Araújo. Guiomar Torrezão e as 'Cartas Lisboenses': correspondência portuguesa nas páginas de 'O Liberal do Pará'. *Matraga*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. V. 26 n. 46. Rio de Janeiro: 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/37507/29977> Acesso em 10/10/2020.

VILELA, Iracema Guimarães. *Luiz Guimarães Jr.*: ensaio bio-bibliográfico. Publicações da Academia Brasileira. Rio de Janeiro: Oficina industrial gráfica, 1934.

WOOLF, Virgínia. "Profissões para mulheres". In: *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2018.